

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

15 de Dezembro de 1862.

VII.

SUMMARIO.

O SR. D. PEDRO II, por J. P. de C. pag.	205	A UM TRADUCTOR DE VERSOS, por F. X. de Novaes. pag.	233
DA IMPRENSA LITTERARIA NO BRASIL, por T. de Mello. pag.	217	DESEJOS, por A. de M. Muniz Maia pag.	233
QUE DESTINO! por C. Castello-Branco pag.	223	NO SERTÃO, por A. R. de Torres Bandeira. pag.	234
FLORES E FRUCTOS, por Macedo Soares pag.	229	CHRONICA, por M. de Assis. pag.	235

RIO DE JANEIRO

Typ. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N. 17.

O SENHOR D. PEDRO II.

IMPERADOR DO BRASIL.

(Continuado da pagina 177.)

VIII.

Não ha sorte menos digna de inveja que a de um rei; os prões do cargo são phantasmagorias; os contras são deveres arduos. De seculo em seculo, quasi de anno em anno, vão os povos augmentando suas exigencias; hoje pedem-se aos reis mil dotes, que não foram outr'ora communs no throno: — apurada mente — sua cultura vasta — exemplar moralidade — brandura — magnanimidade — cordeal affecto aos subditos.

E aqui nos cae a pêlo um trecho da antiguidade: « A amizade (esse dos bens mortaes o mais antigo) fôra trocada, nos regios paços, pela lisonja, pela simulação de amor, peor que o odio. Se ahi se repetia ainda esse nome sagrado, era como objecto de mofa, e sem sentido. E que amizade era possivel entre os que se criam senhores, e os que se reconheciam servos? Pois essa, expulsa, e desterrada, é tempo de a revocar. Bem pôde ter amigos quem sabe ser amigo. A subditos não se decreta amor, adquire-se; nem ha outro sentimento tão independente, tão livre, tão impaciente de dominio, nem mais ambicioso de paga em moeda igual. Pode o principe ser odiado por aquelles a quem não deteste, porem deve lembrar-se de que só será amado por aquelles a quem amar. *Immo tunc maxime imperator, quum amicum ex imperatore agis; etnim quum plurimis amicitiis fortuna principum indigeat, præcipuum est principis opus, amicos parare!* »

Nunca o Imperador é maior do que quando desce de Imperador

a amigo ; a fortuna dos principes precisa da amizade de muitos, e deve ser sua principal tarefa adquirir amigos. Assim o aconselha um livro de ouro.

Não falta igualmente quem brade aos reis, mormente nos governos constitucionaes, que a sua amizade deve estender-se collectivamente por todo o seu povo, e não manifestar-se excessiva para o circulo que os rodeia. Dizem que frequentemente em taes regiões a palavra *amigo* é pelas turbas trocada na de *valido*, e esta soe inspirar odios ou ciumes ; que por tanto, o rei deve amar todos seos subditos, e a nenhum de um modo excepcional, e conspicuo.

Não sabemos qual dos dous alvitres é mais sabio ; mas sim que a alta prudencia do Imperador parece tel-o levado a adoptar o *inter utrumque*, grande regra da vida, em quasi todas as situações.

Nem sempre o exercicio das virtudes do particular é exactamente compativel com as do Soberano ; e todavia o Sr. D. Pedro II, em seo proceder meditado e circumspecto, as procura conciliar quanto cabe em forças humanas.

Ama a justiça como um dogma de consciencia, e não cessa de gravar no animo estas maximas do grande jurisconsulto Morlon : *La justice est l'âme du monde, l'appui des thrones, et la reine de toutes les vertus. La faire régner dans un Etat, c'est y fixer le bon ordre, la discipline, l'union, la paix, et la tranquillité.*

Immenso auxilio o fortifica na pratica das virtudes. Ha naquelle illustrado animo crenças fundas. Não é a religião para o Sr. D. Pedro II um instrumento, um meio, uma convenção humana. Em materia de fé, a sua razão submissa, e sem velleidades de revolta, acceita as verdades todas ensinadas pela igreja Catholica (*).

Outro lado bello do seu character é ser cordialmente philanthropo, e immensamente brasileiro.

(*) N'uma das já apontadas practicas, em que S. M. se compraz em desenvolver suas idéas, sempre rectas e sans, se exprinia approximadamente assim :

« Li attentamente o livro do *Espirito* de Helvecio, e convenci-me de que nenhum outro producto da intelligencia jámais provou tanto a existencia das faculdades immateriaes do que esse, que, sem convicção, e em phrase affectada, caminha pela estrada arida do egoismo, reduzindo tudo a sensibilidade physica, e interesse pessoal, e desmorrando as idéas de moral que Deos gravou no coração de todo o homem.

« Rousseau nada escreven em materia religiosa, com sinceridade, e nem podia tão elevado engenho, se fosse sincero e recto, cabir em tão flagrantes contradicções. Voltaire só usou as armas do ridiculo, que não podem ser as admittidas nas questões da religião, e philosophia ; o seu intuito, ao traçar os escriptos religiosos, era provocar a hilaridade das turbas ; e o seu animo não se revestia então da seriedade que tão bem lhe assentava, ao escrever o *Seculo de Luiz XIV*, e as *Tragedias*.

« Impressionou-me desagradavelmente, á primeira leitura, o revolucionario theologo protestante Strauss. A sua *Vida de Jesus*, que ousa quasi negar a existencia do Redemptor, substituindo-a por um systema de symbolos, e allegorias historicas ; a sua

E deste amalgama de sentimentos de religião, de humanidade, de amor da patria, resulta um corollario, que n'outras eras seria deslustre, que nestas constitue um bom titulo á gratidão dos povos : — *Não é Principe guerreiro* —. A soberano assim pacifico, dizia Elpino :

« Despreza desses Cesares soberbos
 « As palmas, em humano sangue tinctas !
 « Teos povos ama, em doce paz os rege,
 Sê d'elles pae, e amigo ! »

Quem duvida que o gladio do filho do Duque de Bragança seria o primeiro a desembainhar-se, se a patria corresse riscos? Mas não é menos certo que o seu coração exulta de não ser forçado a trocar alviões em espadas, lyras em tubas, machinas em canhões, oliveira em louro; exulta vendo os subditos regar a terra com o honroso suor do trabalho, não com o improductivo sangue das batalhas; exulta, presidindo á sorte de um paiz pacifico, cioso de sua independencia, sem ambicionar influir em alheios destinos, e que em conquistas só aspira ás do progresso e civilização (*). Feliz o rei que não tem na sua historia as sanguinolentas paginas dos combates. Já algures o dissemos : « Foram outr'ora os conquistadores e vencedores, que monopolisaram quasi o culto humano dos monumentos. Bronze que em fórma de canhão flamejava destruição e morte, ia depois, transformado pelo sculptor, representar feições, e vulto de heroe de batalhas. E ahi se contrapunha monumento a monumento. O metal animado, reproduzindo o devastador, perpetuava sua lacrymosa memoria. Perto (ou longe) de uma praça mentirosa, cinzas fumegantes de cidades outr'ora florescentes jaziam, como outros tantos monumentos lugubres, immortalizando a vaidade de um homem. De taes obras de arte, eram os alicerces ossadas de gerações; era o cimento das pedras caldeado com lacrymas e sangue ».

audaciosa *Dogmatica Christian*, na lucta com a sociedade moderna, são livros perigosos ao primeiro aspecto; mas segunda leitura me persuadiu de quanto havia inane, e futil em taes sophysmas. »

Assim continuou a conversação, sempre reveladora de um engenho de primeira plana, alumiado pelos raios da fé. Em seguida, emittiu a sua convicção arraigada de que a regeneração social só podia esperar-se do maximo disvelo na educação, e instrucção da puericia (homens do futuro), encaminhada pela religião, divino código da moral. Com tal persuasão, disse ser sua mente applicar o maior escrupulo para a escolha dos bispos, supremos pastores das almas, e para o desenvolvimento do culto e da moral, que é dever dos poderes civis auxiliar e robustecer.

(*) Diz o virtuoso bispo Amador Arraes : « Deos nos livre de principes buliçosos, que não cabem em seus Estados, nem tractau de ornal-os, senão de lhes espaçar e estender os terminos, e tudo querem abraçar!!

Sim, a adoração da guerra, o imperio da força, vão passando, cedendo lugar aos beneficos fructos da paz; e bem é do seu tempo, e bom sementeiro de futuros, quem repelle os furores da destruição, e ajuda os destinos para se completarem pelo affecto, pela ordem.

Esta indole suave, que procura com afan remover do seu paiz collectivamente os grandes males da guerra, em tudo se manifesta igual, até no tractar mais domestico.

Nunca o Snr. D. Pedro II (desde a mais tenra idade, pelo menos desde que teve uso de razão) se mostrou agastado, nem patenteou colera contra os seus proprios creados, ainda os da infima classe. Com este soberano, nunca foi mister appellar de Philippo para Philippo. Onde outros achariam motivo para punição, ou asperas reprehensões, fecha os olhos, ou, quando muito, submete, em fórma dubitativa, umas advertencias com tal brandura, e tão paternal benevolencia, que dá jus ao culpado de hesitar se commettera culpa (*).

Pertence áquella ordem de nobres sentimentos outro que dá origem a um factó assás digno de notar-se, e que todos os ministros da Justiça têm tido occasião de per si verificar. Pergunamos o que sobre elle nos dizia um dos ultimos, intelligencia elevada, caracter energico, recta consciencia: — « O que acontecera com os meus antecessores, comigo succedeu. Apresentaram-se-me casos, d'aquelles em que eu entendia a necessidade de que *gemesse* a humanidade, para que a justiça *folgasse*. Offereci a penna ao Imperador, supplicando-lhe que subscrevesse, em casos mui graves, sentenças de morte proferidas pelos tribunaes (**). A resposta era constantemente um addiamento. Se eu insistia, passava S. M. a um minucioso exame do assumpto; depois vinham observações, duvidas e pretextos moraes; finalmente ponderava que não via mais formosa prerogativa no poder moderador, e até no magestático, do que a do perdão. Quando não havia mais discussão possivel, recusava a assignatura,

(*) Um alto servidor de S. M. I., cavalleiro de fina educação, e habitos delicadissimos, narrando factos comprobativos desta brandura de tracto, nos dizia: « E' cousa admiravel! Eu ás vezes não posso conter-me diante de faltas commettidas no Paço; e o Imperador nunca se zanga! A que ponto isto chega, fora mister ver para crer. »

Diz Mlle. Celliez, do Imperador: « Nunca de sua bocca se ouviu sahir uma phrase offensiva, uma palavra esperta, nada que possa ferir um coração, ou um amor proprio; sempre a mesma cordialidade, sempre a mesma polidez, sempre a mesma iudulgencia, e por sobre tudo sempre a mesma vigilancia, e a actividade do chefe de familia applicado á direcção do imperio constitucional. »

(**) Ennio, citado por S. Jeronymo, escreveu:— « *Plebs in hoc regi antestat loco, licet lacrimare plebi; regi honeste non licet.* »

« Tem o povo sobre os reis esta vantagem, que muitas vezes quando aquelle derrama lagrimas, tem estes de proceder, como se outro tanto lhes não fôra licito. »

em taes casos, quem geralmente em todos os outros tão ampla liberdade de pensamento, e acção deixa aos ministros responsaveis. Póde dizer-se que, embora figure em nossos codigos a pena de morte, ella, com este soberano, está quasi de facto abolida. »

Por isto emanou tambem sempre daquelle coração magnanimo a iniciative do pensamento de amnistia, quando espiritos desvairados viram sobre elles descarregado o gladio da lei.

E' porque no espirito do Imperador não ha mais proeminente feição, que a da caridade. A sua beneficencia é sem limites. Quantas familias abi vivem á custa de seus cofres ! Que innumeraveis pensões não pesam sobre sua parca dotação (**)! O seu bolsinho é o *monte pio* de numerosa pobreza, a quem acolhe com piedade inimitavel; sendo certo que a sua liberalidade para com os pobres, os estabelecimentos pios, e as emprezas de grande interesse nacional lhe absorve, uns após outros, todos seus haveres.

Sobredoiram-se este actos beneficicos com o preceito evangelico : — Não sabe a mão esquerda o que a direita praticou. —

O Imperador anima, e ampara os talentos privados dos meios de instruir-se. Abi estão figurando, e prestando serviços ao Estado, muitos que á sua custa estudaram no Imperio, e fóra d'elle. Hoje mesmo, numerosos pensionistas seos se acham nessas circumstâncias. Não calumniamos a gratidão dos agraciados, imaginando que elles se pejariam de verem aqui reproduzidos nomes de muitos delles; pois que ao contrario o terem-se tornado dignos de tal protecção era de per si uma distincção honrosa; mas temos por desnecessario baixar destas generalidades.

Na sua viagem ao Rio Grande do Sul, Santa Catharina, e S. Paulo; á comarca de Campos, e outras da Provincia do Rio de Janeiro, e ás provincias do norte, não só liberalisou consideraveis donativos aos estabelecimentos de beneficencia, como hospitaes, e casas de caridade, e ás egrejas, e casas de educação, senão que tambem prestou soccorros particulares, de grande vulto, a innumeraveis

(**) Quando todos os cidadãos se queixam de que o geral progressivo encarecimento os força a diligenciar que os seus rendimentos se-elevem, só uma verba ha que, atravez de todos os tempos, permanece invariavel, sem que appareça quem demova o augusto animo de retirar o seu veto a qualquer idéa de augmento: é a dotação da casa imperial. O Imperador, que só na *verba* — esmolas — tem gasto, em alguns annos cerca de quatrocentos contos, recebe do Estado, para todas suas despezas de necessidade, e representação, *oitocentos*! — A Imperatriz tem *noventa e seis*, que mal bastam para os compromissos do seu generoso coração, e para as lagrimas de Brasileiros, que tão angelicamente se incumbe de enchugar. — A futura Imperatriz reinante do Brazil recebe *doze contos*, e sua augusta irman *seis*, isto é, menos que muitos empregados de casas mercantis da corte do Rio de Janeiro!

peçoas, soccorros que só ellas, e os que acompanharam o Imperador podem declarar. Todos os logares por onde passou ficaram cheios de provas de sua caridade, e munificencia (*)

De todas as formas, porem, que a caridade sabe revestir, nenhuma jamais se ostentou tão bella, como quando, flagellada, e disimada esta corte por uma peste hedionda, que ceifava indistinctamente o rico e o pobre, o moço e o velho, o robusto e o valetudinario — quando todos os que podiam evadir-se aos miasmas contagiosos da cidade infectada, iam para longe, sob ares mais beneficos, e menos enfurecida natureza, segurar a vida, S. M. o Imperador não fugiu, não arredou pé! Ao contrario, infatigavel em tomar, e recommendar todas as providencias, para extinção do flagello, levou a coragem indomita ao ponto de ir pessoalmente collocar-se nos

(*) Em todas as viagens de SS. MM., não ha instituição pia, hospitaes, misericordias, recolhimentos, pobres, ou associações uteis, que não tenham sentido as provas de toda a fórma de caridade dos Augustos Soberanos, seja em animadoras visitas, seja em manifestações de uma liberalidade oriental, em presença da qual se imaginaria que tão dadas mãos se mergulhavam em cofres inexauriveis. Sirva de exemplo a ultima excursão ás provincias do Norte. Devemos ao Snr. L. A. Boulanger um curioso mappa, que pedimos venia para transcrever, indicativo da classificação das esmolas feitas nessa viagem, segundo as Provincias e suas applicações. E todavia aqui se não enumeraram muitas outras, de que ninguem teve conhecimento, senão os Principes, o intermediario e o agraciado; e importa não perder de vista que semelhantes donativos foram independentes das innumeraveis pensões e esmolas que habitualmente oneram na corte, e mesmo nas Provincias, o imperial bolsinho, e nas quaes não houve alteração. Eis-aqui o sobredito mappa:

Donativos e esmolas que SS. MM. II fizeram na viagem ás Provincias do Norte, desde o 1.º de Outubro de 1859 até 11 de Fevereiro de 1860.

	BAHIA	PERNAMB.	PARAH.	ALAGÓAS	SERGIPE	ESP. SANTO
Igrejas, Cap., etc.	4:250\$	4:000\$000	2:800\$	3:600\$	2:200\$000	4:600\$000
St. C. da Miz. ^a	8:300\$	3:000\$000	6:000\$	3:600\$	3:000\$000	
Recolhimentos	500\$	2:000\$000				
Colleg. de Orph.	5:000\$	7:000\$000				
Irms. de Carid. ^e	3:000\$					
Asylo de mendic.		5:000\$000				
Casa dos Expostos.		1:000\$000				
Hospitaes.	5:400\$	5:600\$000		2:000\$	3:000\$000	3:000\$000
Hospit. Portug.		300\$000				
As. dos E. D. P. II.	2:000\$					
Cemiterios	500\$	6:000\$000	800\$	2:200\$	4:300\$000	3:200\$000
Pobres .	19:100\$	14:300\$000	6:100\$	9:700\$	6:500\$000	6:100\$000
Esmolas particul.	3:877\$	3:377\$500	325\$	866\$	570\$000	2:028\$300
Desvalid. Italianos.	400\$					
Ass. das A. mech.		1:000\$000				
Encan. d'agua pot.		2:000\$000		4:000\$	1:000\$000	500\$000
Obras de matad.			4:000\$			
Instit. Pio Litter.		300\$00				
Instit. Agricola.	10:000\$	10:000\$000			10:000\$000	
Rs.	62:327\$	64:877\$500	20:025\$	25:366\$	30:570\$300	19:428\$300

Elevando-se a somma no total a rs. 222:393\$800.

fócos da infecção, visitando os hospitaes de colericos, e com a sua presença animando os enfermos, e quantos se occupavam de accodir a tamanhas miserias (*). Bem recompeusou S. M. depois aos que se distinguiram em tão medonha crise; mas que medalha de honra mereceria o proprio monarcha? Essa lh'a deferiu tacitamente o seo povo, gravando no coração a memoria de tão heroico feito. Eis-ahi como procedeu, ante um inimigo cego, feroz, anthropophago, aquelle que detesta a guerra. Guerra com homens pode conjurar-se e derrama sangue alheio que se poderia poupar; guerra com a na-

(*) Do Relatorio, lido no Instituto Historico, pelo seu 1.º Secretaio, o primoroso escriptor, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, em sessão anniversaria do dia 15 de Dezembro de 1855, transcrevemos as seguintes palavras:

« A capital do imperio testemunhou um facto, que ha de ser consignado na historia.

S. M. o Imperador não quiz abandonar a sua capital no momento supremo. Elle, o homem necessario, aquelle que tinha o direito de reeuar ante o aspecto sinistro da morte, porque com elle se acha identificado o futuro brilhante do paiz, e é d'elle principalmente que depende a grandeza, a prosperidade, o progresso do Brasil, e porque é elle a nossa mais segura garantia de estabilidade, de ordem e de liberdade; S. M., em vez de retirar-se, para não se expôr ao impeto da epidemia, lembrou-se que a porta por onde sahisse da misera cidade poderia ficar aberta, e dar ingresso ao terror; e então, para que seus subditos vissem partir do apogeo da esphera social o exemplo da resignação e da coragem, permaneceu no centro de sua capital, no meio da peste, que ceifava centenaes de vidas, conservou-se no seu palacio, situado em um dos bairros mais dizimados pela epidemia, partilhando igualmente com o seu povo os serios perigos da situação.

« O flagello não escolhia as victimas que devia derribar; e o anjo da morte não via nas portas das casas dos escollidos de Deos, a quem cumprisse poupar, o signal de sangue do cordeiro, que no Egypto salvou os filhos de Israel.

« Entretanto o Imperador levou adiante a sua immensa dedicacão; desceu do throno e entrou nesses piedosos asylos, onde se adivinhava a dor e o soffrimento na horrivel decomposicão dos traços physionomicos e nos pungentes gemidos arrancados do coração de miseros doentes; visitou os hospitaes, e pôz-se em contacto com os cholericos, renovando o feito do grande homem do seculo, que em Jaffa tocára com suas mãos os corpos infectos dos empestados, para extinguir assim o terror que abatia um exercito victorioso, e ensinar-lhe a triumphar tambem da peste pelo facto de arrosta-la e não temê-la.

« E depois de tão bellos feitos, placido e sereno, o Imperador vinha entregar-se aos estudos da historia e da geographia patria, calmo e tranquillo, como o sabio mathematico de Syracusa, que resolvia problemas ao ruido das batalhas e ao fragor do assalto impetuoso de uma cidade. »

Na *Revista Popular*, Repositorio litterario da casa Garnier, no Rio de Janeiro, lê-se, sob o titulo de *Ephemerides Nacionaes*, por *Fluviano*, no numero de 15 de Setembro de 1862, debaixo da rubrica — *27 de Setembro de 1855* —, o seguinte:

« O Imperador offerece a todo o imperio um exemplo de piedade, não de mero apparatus, imposto por uma pratica rotineira e que só tivesse por si a tradiçã de ser seguido por seus maiores, mas edificante e digno de um monarcha verdadeiramente christão. Sabe do paço de S. Christovão, acompanhado do marquez de Paraná, conselheiro Pedreira e seus semanarios, percorre as enfermarias publicas desta cõrte debaixo da influencia do cholera-morbus, gastando nessas visitas mais de oito horas, demorando-se nas enfermarias, examinando-as com minuciosidade, correndo quarto por quarto, leito por leito, conversando com os doentes, animando-os, consolando-os, e distribuindo esmolas por elles. Tão suhlime medalha teve por averso a fuga de muitos medicos que em algumas localidades desampararam os seus miseros e desgraçados enfermos! »

tureza não se rejeita, e ali o valente vai com o sorriso nos lábios, se o risco da própria morte assegura a salvação de muitas vidas. Eis como o príncipe *não guerreiro*, á frente dos mais valentes, com o seu penacho de Henrique IV sobre o elmo, despreza a morte, em combates onde não fará derramar, antes estancar o sangue.

Bem era que um Soberano, assim dando o exemplo de taes virtudes, meditasse no modo de as galardoar em seus subditos; e por isso creou um distinctivo para os que se tornarem notaveis por serviços extraordinarios prestados á humanidade (*)

Quem se distingue por tão grande, e singela indole não podia deixar de amar o campo. Todos os annos! e em cada anno todos os dias! sujeito á *etiqueta* quem adora a simplicidade — ao bulicio quem se compraz no socego — á escravidão quem é idolatra da liberdade — tornar-se-hia um viver penoso, se algum óasis não alegrasse este deserto; se alguns dias roubados á permanente representação regia não refocilassem o espirito; se finalmente a natureza amiga não viesse algumas horas chamar ao seu seio aquelle que a sociedade exigente condemna a dedicar-se-lhe. Os gostos campestres do Imperador lhe fazem exclamar, como a Destouches: —

« *La campagne est pour moi plus belle que la cour;*
« *Et je voudrais pouvoir y fixer mon séjour!*

Não bastavam, para o delicado gosto, as quintas de Santa Cruz, e Cajú; foi no alto de montanhas, que Humboldt considera continuação das Cordilheiras dos Andes, fundar uma cidade, uma casa de campo, rodeada de uma familia de camponeses. As immediações de Petropolis, admiraveis por clima, vistas, florestas, cataractas, grutas, rochedos, lençoes de agua, precipicios, plainos, são a majestosa morada da tranquillidade do animo (**). Eis porque toda a

(*) São umas medalhas, com a effigie do Imperador na frente, e no reverso o formoso disticho: *Ama ao proximo como a ti mesmo!*, e a data do serviço prestado. Ha-as de ouro (1.ª classe) para os serviços com risco de vida; de prata (2.ª classe) para os de dedicação não commum á humanidade. A fita é côr verde-mar para os riscos maritimos, de fogo para os casos de incendios; amarella para os serviços humanitarios prestados em terra.

(**) O lugar onde hoje é sito o Paço de Petropolis foi a denominada fazenda do *Córrego Sécco*. S. M. ordenou ali a construcção de um palacete, para sua residencia de recreio e saude, no tempo de verão, incumbindo da direcção da obra o major d'Engenheiros I. F. Koeler. Uma colonia allemã, que já desde o anno de 1846 contava 200 pessoas, com alguns nacionaes, e estrangeiros de outras nações, formou o nucleo de uma linda, sadia, e amena cidade, que se tem ido desinvolvendo sob os auspicios do seu augusto fundador.

Nada mais pitoresco do que a recepção cordial que a colonia faz todos os annos á imperial familia. São tudo manifestações singelas, mas tão verdadeiras, tão sentidas,

imperial familia aguarda a quadra dessa residencia, precipitando-se para ella, como os passarinhos alegres, a quem se abre a porta de doirada gaiola, e que vão nas arvores, na relva, á borda das fontes naturaes, entóar hymnos á creação. Assim como o viajante vai hoje, em devota peregrinação, ás margens do Anio repousar olhos, e memorias sobre os restos da casa de Mecenas, assim os tempos futuros irão visitar saudosos essa Tibur brasileira.

Do mesmo modò que a memoria é um dote assombroso do Sr. D. Pedro, assim se distingue a sua vontade por uma poderosa força de paciencia, e attenção. Observa, ao mesmo tempo, e com equal penetração, os factos geraes que dão a physionomia moral do seo Estado, e indicam o atrazo ou progresso d'elle. Estuda o régulamento de um collegio com a mesma disposição de espirito com que um projecto de alta combinação administrativa ou politica. Este privilegio de sua natureza intellectual talvez não tanto o deva ao clima americano, como ao sangue da familia de Habsburgo, que lhe circula nas veias.

E é este o logar de reflectir que a attenção do Imperador para os pequenos factos da vida social, e da administração do Brasil, tem sido notada por alguns, que superficialmente a consideram indício de um espirito, cujas vistas não alcançam remotos, e dilatados horizontes. Mas quem o viu, após um trabalho paciente, e comesinho, elevar-se instantaneamente ás mais importantes questões da philosophia, e das sciencias sociaes, reforma o seo juiso, e admira a raridade dessa dupla natureza.

Não se limitam estes estudos, e reflexões do Imperador simples-

tão proximas da natureza! Accresce a peculiaridade de usos desses nossos amaveis conferraneos, e já não hospedes ou estrangeiros: — Arcos de verdura, com inscrições curtas, ornã as estradas; — foguetes e descargas de mosquetaria annunciam a chegada dos principes; — os cavallois pisam tapetes de folhas; — córos de meniinas vestidas de branco, com fitinhas azues, se apresentam ao Imperador, á Imperatriz, ás Princezas, com ramilhetes de flores; — bandas de musica particulares percorrem a cidade, com as respectivas bandeiras em frente; — á noute, do alto de uma montanha, a cavalleiro do palacio, descem até á remota base, centenaes de pessoas, com archotes na mão, por um caminho regularmente serpenteado, offerecendo à vista um quadro de fadas, quando aquella cobra de luz toca com a cabeça o pateo do palacio, com as roscas a encosta, e com a cauda o cume da montanha; — toda aquella ho gente vem nas primeiras noutes, com seos fatos domingueiros, tanger instrumentos rusticos, descautar as suas trovas, dansar festivos nos atrios do paço, orgulhosos de verem a imperial familia confundir-se com esses corações pobres, mas ingenuos, e francos.

Não ha para o Imperador beija-mãos, cortejos, paradas, descargas, nem felicitações officiaes, que valham essas flores, esses vivos, esses affectos, essas emanções da alma.

Taes não sido os progressos da viação para essa localidade, servida pela melhor estrada do imperio, que as 14 leguas, de Petropolis até á côrte, se galgam em 4 horas, por caminhos de rodagem, e de ferro, e por navegação a vapor.

mente ao compulsar os livros, e os escriptos especiaes, ou a ouvir os competentes; é frequentissimo ver *S. M. o Imperador* apparecer inopinadamente n'uma escola, n'uma academia, n'um caminho de ferro, n'uma secretaria, n'uma alfandega, n'um quartel (*) e proceder ali a exames com que sempre lucra o serviço publico. E' assim que o grande livro da experiencia dos homens lhe completa a instrucção que o gabinete, por si só, lhe não poderia dar.

São igualmente dotes da alma do Sr. D. Pedro uma alta capacidade de concepção — singular sagacidade — a rarissima qualidade denominada *sensu communi* — e cautelosa prudencia. Não cremos que a sua resolução seja rapida, porque tem de uso amadurecê-la. Tem a virtude de saber fallar quando, e como importa, e a, muito menos frequente, de saber escutar. Nunca teve ministro sen, a quem fosse tão facil dirigir a palavra como o é ao proprio monarcha, pois recebe com a maior accessibilidade quem quer que se lhe dirija.

Ha no tracto do principe certa particularidade, que tem dado origem a uma calúnnia: accusam-no alguns, digamo-lo affoutamente, de *dissimulação*. Conta-se de Luiz XI, que nunca permittiu que seu filho aprendesse do latim mais que as palavras que elle lhe ensinára: — *Qui nescit dissimulare, nescit regnare*, e imaginam o Sr. D. Pedro filho do prisioneiro de Peronne. Injustiça ou erro! Assim trocam em defeito o que talvez seja uma qualidade, e em todo o caso é o resultado pratico dos successos estranhos de sua curta, mas agitada vida.

A que chamam dissimulação? A' cautela com que evita conhecerem-se-lhe amigos pessoaes? Se a não tivesse, censural-o-hiam de *validagem*.

Ao estudo com que obsta a conhecerem-se-lhe as opiniões, ou predilecções politicas, a ponto de não haver partido no paiz que possa dizer que é por elle exclusivamente esposado? Talvez que se assim não fosse clamassem contra o rei faccioso.

Ao melindre com que muitas vezes se retira para a segunda plana, em pretensões individuaes, deixando a solução a ministros responsaveis? Se mais activamente governasse, revoltar-se-hiam contra o governo pessoal.

Antes se devêra, pois, admirar o imperio sobre si mesmo, por

(*) Estas proveitosas surpresas talvez o possam ser mais, quando o augusto visador quizer apresentar-se de chofre nas Repartições, como o fazia seu heroico pai, sem prevenção de especie alguma, confundindo-se no trajo com outro qualquer cidadão, sem comitiva, nem apparencia magestática. Fiamos que de taes visitas, seguidas de uma tão discreta fiscalisação, como por tal personagem pôde ser exercida, resultarão inculcaveis beneficios, de toda a ordem.

uma intelligencia tão elevada, uma tão consummada experiencia, um tão acrysolado amor da patria : é, como elle entende, o cumprimento fiel dos altos deveres do rei constitucional. (*) Fôra mister confundir a circumspecção e a prudencia com a astucia, a insidia, e a concentração, para dizer-se que o Sr. D. Pedro II merece o titulo de dissimulado.

Todavia se em seu character ha, não dissimulação, mas certa *reserve*, em gráu desconhecido a seu augusto pae, quão natural não é a explicação desta tendencia ! Abriu os olhos á luz, por occasião de uma grande transformação social, a da separação de Portugal. Não conheceu sua mãe, e quando a creança começava a amar segunda mãe na pessoa de S. M. I. a Sra. D. Amelia (a virtuosa filha de outro heroe) um acontecimento veio, antes dos 6 annos de idade, arrancar, de seus braços infantis, idolatrados pae e mãe.

Nas vastas salas do seu Paço, viu-se de repente o imperial menino, só com duas creanças como elle de familia, e rodeado de estranhos. Embora em muitos houvesse affecto sincero para com elle, chegavam-lhe aos ouvidos com frequencia rumores temerosos, em que muitas imaginações viam perigos para a dynastia, para o throno, até para a vida ; que desvelo suppriu jámais ao orphão o carialho, o conselho, o amor dos paes que haja perdido ?

Foi crescendo, e ouvindo cada anno os esforços de revoltosos, em diversas provincias, pondo tudo a saque e sangue, e augmentando os seus perigos pessoaes. O proprio successo da maioridade foi uma pressão, uma coacção externa, a que teve de cedêr, em extrema adolescencia, pela apprehensão de graves resultas de uma negativa, etc. etc. Foi, por tanto, imbalado o seu berço, por convulsões politicas ; desenvolveu-se a sua adolescencia em nma sociedade quasi anarchica, tempestuosa, ameaçadora. Viu thronos desmoronarem-se ; soberanos exilados. Teve de deplorar a sorte feita pelas revoluções á sua mesma familia ; seu pae, sua madrasta, suas irmans, todos victimas de ingratições populares.

De taes successos a mór parte se passou naquella idade em que a cera branda do espirito se affeioa ás impressões externas, em que o joven character se fórma, não raro modificando a indole natural. Não seria portanto espantoso que no espirito do Imperador se fosse creando, e desenvolvendo uma... não timidez, mas a reserva que os Romanos exprimiam pelo termo *circumspecção*, disposição para

(*) Grande indecencia (diz um nosso elegante classico) não exceder aos outros, em prudencia, e saber, o que os excede no officio, e potencia.

olhar em torno de si, e dos objectos, antes de resolver; entretanto é de crer que os annos, a plena certeza de quanto é amado, e a segurança da tranquillidade publica acabem por tornar aquella nobre alma ainda mais expansiva, e resoluta.

E não obstante, quantas vezes não é o Sr. D. Pedro quasi até familiar com os seus subditos, que todos penetram livremente nos paços imperiaes! O elogio, o conselho, a advertencia inoffensiva e suave, como a de um pae, quantas vezes não mana de seus labios, já nas palestras com os grandes, já nos passageiros dialogos com os pequenos!

Quem procurou descrever o moral do Sr. D. Pedro II tem de completar o esboço com a descripção do seu physico.

Lê-se na já citada obra *Les Impératrices*: « Concordam todos em reconhecer que o Sr. D. Pedro II é o homem mais moral, mais constitucional, mais progressista do seu imperio. Póde accrescentar-se que é nelle tambem o mais esbelto, e o mais instruido; seu porte é elevado acima do commum; cabellos louros, formosa barba, magestoso recacho. »

Não menos que a do espirito, é admiravel a sua actividade de corpo, como o é o vigor moral, e physico que elle possui, e desenvolve, sempre que as circumstancias o exigem. A sua vida habitual que em parte se póde equiparar á do homem de letras, podia tornal-o pouco apto para o trabalho material; mas, ainda sob este aspecto, é privilegiada a sua natureza. Se é preciso, madruga, viaja a cavallo leguas e leguas, supporta chuva e sol, como o soldado affeito a todas as inclemencias da vela do exercito; e raros companheiros de viagem, por mais robustos, podem, sem ceder a fadiga, acompanhar o Imperador (*).

Creemos ter ahí deixado, em rapidos traços, elementos imparciaes, e verdadeiros, com que se possa apreciar a natureza physica, e a indole moral do augusto chefe da nação brasileira.

(*Continua.*)

J. P. DE C.

(*) Nós mesmo tivemos occasião de experimenta-lo duramente no trajecto de Goyana para a povoação de Tejucupapo, jornada de cujas *inclemencias* ainda hoje nos lembramos com horripilações!



DA IMPRENSA LITTERARIA NO BRASIL.

CARTA A FRANCISCO FERREIRA SOARES.

Meu amigo. — Em uma das minhas ultimas cartas eu te dizia :

« Assignára, se podesse, todas as folhas litterarias da juventude e da virilidade, que fôsem apparecendo na Côrte e nas provincias, como specimens das promessas de uma idade e dos fructos sazonados da outra. As publicações do *Instituto Historico* representariam os da ultima especie. Esse trabalho curioso poderia seguramente ter sido feito pelo Dr. F. Octaviano, se elle houvesse tido a paciencia e a inspiração de as ir guardando desde que fez, como folhettiista do *Jornal do Commercio*, as suas primeiras provas de escriptor publico. Seria curiosa e interessante a enumeração: bastava a enumeração das folhas litterarias de todas as dimensões que se tem publicado nestes ultimos dez ou doze annos no Rio de Janeiro, e que teem desaparecido ao 2.º 3.º 4.º e mesmo 1.º e unico numero, depois de haverem umas, luzido com o clarão incerto e trêmulo de estrellas que ensaiavam o brilho, de crianças, que tentavam os primeiros passos, como o seriam as publicações cheias de fogo e promettedoras de longa vida da primeira mocidade; outras, com o aspecto carrancudo, ou pelo menos grave, das publicações succulentas (muitas vezes apenas na intenção e nos desejos do Prologo ou das duas *palavras ao leitor* —) e, por via de regra, scientificas, da idade madura; outras enfim, com risonho frescor, seguras de si mesmas confiadas na força que ainda não teem, e nas promessas do futuro, como o seriam as publicações dos vinte e cinco annos. Seria cousa facil a quem, como o Dr. Octaviano, collaborasse em uma folha de vulto e que podesse ter diante dos olhos, á medida que sahisse a lume, tudo quanto a imprensa produzisse em tôrno de si, e mesmo a alguma distancia, no Paiz. Mais curiosa e rica ainda seria a colleção, se fosse feita por um filho da Academia juridica de S. Paulo, que tivesse guardado tudo o que ali se publicou no seu tempo de estudante. Eu tomaria de bom grado para mim similhante tarefa, se as nossas publicações fossem menos caras, ou se me fornecessem os periodicos em questão. Acrescentaria mesmo o quer que fosse em reflexão e critica. »

Cumpro a promessa mais cedo do que me parecia possivel, e começo de mais longe. A tanto não subia a minha ambição, nem alcançavam as minhas esperanças. Mas um feliz acaso permittiu que eu descobrisse entre os meus papeis velhos um numero perdido do *Beija-flor*, *Annaes brasileiros de sciencia, politica, litteratura, etc.*, publicados no Rio de Janeiro em 1839 por uma associação de litteratos, — que me deparou occasião azada de satisfazer em parte os desejos que te manifestei na supracitada minha carta.

Accoita as presentes linhas como pequena homenagem ao teu severo e apurado gosto, ao interesse que tomas pelas letras patrias e como penhor da nossa velha amizade.

« Se os progressos da imprensa, diz o citado *Beija-flor*, fossem as escallas de um thermometro por onde se podesse com segurança medir o adiantamento da civilização de um povo, podiamos felicitar-nos pelo nosso adiantamento proprio, pois de quatro annos para cá (*) o numero das publicações periodicas tem quadruplicado no Brasil. Em 1827

(*) *Beija-flor* n. 4. de 1839.

apenas se contavam 12 ou 13, e hoje, conforme a conta tirada da *Aurora* de sexta-feira 26 do corrente, 54 sahem á luz no Imperio: d'estas, 16 pertencem á Côrte. Em 1827 apenas havia 8; portanto o numero tem dobrado; é verdade que as revoluções e eclipses são frequentes neste gyro da letra redonda: v. g. uma das publicações enumeradas pela *Aurora*, *La Révue brésilienne*, já desapareceu. Mas outras duas renderam-a immediatamente: *O Espelho da justiça* e *Le Messager*, jornal francez, que sahiu á luz duas vezes por semana a datar do 1.^o de Dezembro: este vem preencher o vão que aquella agradável produção deixaria no nosso systema de periodicidade, aonde a lingua franceza, tão usual aqui, deve por força ter um representante.

Aliás, fazendo abstracção da influencia moral que a publicidade exerce no desenvolvimento do espirito publico, da educação e da industria; contentando-nos com o producto pecuniario deste ramo de trabalho, acharemos que, entre directores, compositores, impressores e distribuidores, mais de duzentas pessoas são empregadas e sustentadas por 54 publicações, além dos mais officios que acham occasionalmente algum lucro nos trabalhos annexos, e dos mais empregos das impressas, em obras extensas ou folhas avulsas, hem como das profissões annexas de livreiros e encadernadores, podendo, sem exaggeração, taxar-se em mais de duzentos contos de réis o capital que nisto gyra. Uma aquisição industrial de tanta monta, de que não havia sombra havia 9 annos, merece que se apreciem bem as vantagens que a liberdade da imprensa traz consigo, mórmente quando se reflectir que o impulso que dá e as luzes que espalha a prol das mais industrias, promovem talvez empresas e melhoramentos cujo producto, se se podesse avaliar em cifras, passaria de muito áquelle que directamente emana da mesma liberdade. »

Cito por inteiro esse pequeno artigo do *Beija-Flôr* por causa dos dados estatisticos, que elle nos offerece, muito difficeis de colher hoje em outra parte. O leitor não m'o levará de certo a mal-

O *Beija-Flôr* em breve soffreu por sua vez o eclipse que lamentava nos outros periodicos do seu tempo, incluída a propria *Aurora*, que tanta influencia exerceu então nos destinos do paiz, e que era incontestavelmente a primeira publicação do seu genero dessa quadra de effervescencia e reconstrucção politica, em que estavam ainda mal seguras as bases da unica monarchia americana. Sabem todos que a *Aurora* era redigida por Evaristo Ferreira da Veiga, o tribuno livreiro, uma das mais puras glorias da nossa independencia.

Treze annos mais tarde appareceu a *Minerva Brasiliense*, conhecida de nós, os da moderna geração, por tradicção apenas. Redigia-a uma associação de humens de letras, muitos dos quaes faziam as suas primeiras armas; mas tornaram-se desde então todos elles tão conhecidos no circulo limitadissimo das letras, que basta para lembra-los citar seus nomes: Francisco de Salles Torres-Homem, que escreveu com mão de mestre a introduccão da *Minerva* e muitas das suas mais interessantes paginas; Pedro de Alcantara Bellegarde, que foi depois ministro, como o seu companheiro litterario; Dr. Emilio J. da Silva Maia, por cuja morte as sciencias naturaes ainda trajam luto; Santiago Nunes Ribeiro, a quem tanto devem as letras brasileiras, e que amava tanto o Brasil como se nelle tivesse nascido; Joaquim Norberto de Souza e Silva, o incansavel esmerilhador das nossas grandezas passadas, a não ser elle perdidas, que tautas corôas tem depositado no altar da litteratura patria, e cujo nome é de rigor citar-se sempre que se trata das letras nacionaes de vinte annos para cá; Manoel de Araujo Porto-Alegre, por cujo magestoso *Colombo* esperamos com sofreguidão ha tanto tempo, cujas *Brasilianas* nos prometteu desde 1851 o infatigavel Sr. Paula Brito (*); Congo Januario da Cunha Bar-

(*) A *Biblioteca Brasileira* nos deu em Abril as desejadas *Brasilianas*, pouco depois da morte de Paula Brito.

bosa, o decano dos nossos homens de letras, primeiro secretario perpetuo em 1843 do *Instituto Historico*, de que fôra um dos creadores 5 annos antes; Domingos José Gonçalves de Magalhães, poeta embaixador como Chateaubriand, Lamartine, Garrett e Martinez de la Rosa, e que, na minha muito humilde opinião (porque o não heide dizer?), é maior philosopho do que poeta: admiro-o mais lendo os *Factos do Espirito Humano* do que a *Confederação dos Tamoyos*; A. F. Dutra e Mello, cedo roubado ás letras patrias; Manoel Odorico Mendes, o traductor da—Encida, cujo melancholico e bellissimo *Hymno á tarde* li na *Minerva*, reli depois com renovada emoção no *Muséo Universal*, *jornal das familias brasileiras*, que se pôde obter agora por metade do seu valor, e que injustamente está quasi esquecido hoje.

A *Minerva Brasiliense* terminou o 3º volume, tendo sido publicada semanalmente por espaço de anno e meio, de 1 de Novembro de 1843 a 15 de Junho de 1845. É um fecundo manancial de riquezas litterarias que, sempre que se quizer indagar do que se ha feito pela litteratura no nosso paiz, se consultará com proveito.

Não fecharei este paragrapho, consagrado á opulenta *Minerva*, rival por muitos titulos do opulentissimo *Panorama*, sem que te lembre o nome do Conego Manoel Joaquim da Silveira, profundamente caro á minha memoria, e a quem venço como um modêlo do verdadeiro sacerdote. É o actual bispo do Maranhão (*). Se a *Minerva*, que elle illustrou com a sua modesta penna, monumento para o qual elle carregou tambem a sua pedra, nos fosse mais accessivel, eu te recommendára que lêsse a narrativa simples e verdadeira da viagem que elle fez a Napoles como capellão da camara da Sra. D. Theresa Christina Maria de Bourbon, que vinha ser a terceira Imperatriz do Brasil. Sem essas singelas notas de viagem do austero e virtuoso Conego, estariã por escrever essa pagina da historia moderna brasileira. Se entrases alguma vez no Paço da Cidade; se lá estiver ainda o quadro que representa o historico casamento do Imperador, reconhecerás alli o Conego Silveira. Se os que elle pôz no caminho do altar com os preceitos da alta sciencia que, como mestre, professou mais tarde no Seminario de S. José nessa Côrte, seguissem á risca metade dos seus exemplos, e dormissem uma noite só á sombra das suas virtudes, o nosso clero seria um modêlo para o clero de toda a parte do mundo onde se adora um Deus todo paz, longanimidade, mansidão, caridade, esperanza, fé e abnegação a toda a prova, que os seus ministros tantas vezes desmentem. Não ha uma pessoa só que desconheça em consciencia quão profunda é a desmoralisação do nosso clero; desmoralisação proverbial de um extremo a outro do Imperio, e que desafiou mais de uma vez da nossa parte as mais amargas tiradas philosophico-moracs que labios de crianças tenham algum dia formulado. Vês bem que não é um anathema gera que repito: abro excepções altamente honrosas, e estou fallando de uma dessas excepções. Monsenhor Silveira, cuja Pastoral como bispo da Diocese de S. Luiz do Maranhão traz a data de 23 de Janeiro de 1852, era já de ha muito considerado por insuspeitos e severos juizes — um dos padres mais abalisados nas letras sagradas e profanas, e um dos varões mais nobres da geração actual— louvores que repito com veneração e saudade.

Se os cuidados e disvellos incessantes que lhe merece o rebanho que elle conduz ao aprisco o deixassem ouvir-me! Minha alma exlala um prazer extranho rendendo-lhe este merecido tributo; passam-me neste momento pelos olhos as scenas mais gratas da minha primeira mocidade.

Fallemos agora de uma outra publicação litteraria de vulto, quasi tão rica como a *Minerva*, altamente protegida, bem fadada, opulentissima de vigor e seiva: o *Guanabara*.

(*) D. Manoel Joaquim da Silveira, Conego, Monsenhor, Bispo do Maranhão, é actualmente Arcebispo da Bahia.

Era um bello periodico. No fundo tinha todo o peso, todo o alcance de utilidade, toda a circumspecção dos escriptos da idade viril em todo o luxo do seu desenvolvimento; e na fórma aquillo que seduz e encanta na força da mocidade. Tinha na sua collaboracção, illustrada em alto gráu, a flor das esperanças das letras patrias, representando o norte, o sul e o coração do Imperio. E apesar de tão edificativos e honrosos esforços, e de intelligencias tão sabiamente combinadas, o *Guanabara* apenas completou tres volumes que se possam reler, compostos dos numeros publicados de 1849, quando appareceu, a 1852; e, depois de ter oscillado entre a vida e a morte por mais tres annos, morreu de languidez em 1855. Mais uma vez ficou provado que não basta a camara-dagem litteraria para conferir o primeiro lugar na republica das letras. Mais uma vez ficou provado que não se sustenta um jornal, que mais ou menos depende do favor publico, com insossa prolixidade, nem com reciprocos encomios, que terminam por se tornar suspeitos, depois de se terem tornado fastidiosos.

Si licet magnis componere parva, fallára-te dos *Annaes da Academia Philosophica*, que emmudecêram tambem, mas ao 5.º numero apenas, em fins de 1856, tendo-se publicado o 1.º em Março do mesmo anno. Morreu, como lampada a que não chegaram mais oleo, por falta de animação, e porque, infelizmente, a bolsa da juventude nem sempre anda muito cheia. A mocidade tem sempre, e em toda a parte, os mais bellos instinctos; mas sempre e em toda a parte ella corta muito largo pelo futuro, e nunca faz entrar nos seus calculos as despezas do caminho que tem de atravessar. A *Academia Philosophica*, que ainda (*) não se deu por cansada de lutar com o prosaismo esterilizador da época, foi fundada em Março de 1857 no Rio de Janeiro por moços desinteressados e intelligentes, pela môr parte estudantes de medicina, movidos puramente pelo nobre amor do estudo, tendo em vista um bem generoso fim: o de derramar por muitos o labor de poucos, com esse proverbial abandono e confiança da mocidade, sempre fascinada pelo brilho longinquo da gloria, que os incita a tentar a viagem do deserto. Foi á mingua de oleo que essa lampada se apagou; mas foi glorioso o esforço, gloriosa a luta! Sabes de mais perto o que era a *Academia Philosophica* em 1858. Bem poderas dizer-me o que faz ella hoje.

Deixo a mais habéis pennas o fallar do *Iris*, periodico de religião, bellas-artes, sciencia, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades, collaborado por muitos homens de letras e redigido pelo facundo e muito illustrado Conselheiro José Feliciano de Castilho, que tu conheces de perto, e cuja sábia amabilidade tivemos algumas vezes occasião de admirar juntos. Os dous unicos numero que possuo do *Iris* são, um de Janeiro e outro de Março de 1849, e pertencem ao 3.º volume. Esses numeros perdidos, por mim guardados religiosamente pelo apreço em que os tenho, contém variedade de artigos de politica geral, litteratura, e até medicina, que por truncados não são aqui citados individualmente. Vem em um delles a traducção em verso da *Dolorida*, do Conde Alfredo de Vigny, pelo Sr. A. Frederico Colin, comprovinciano de Gonçalves Dias. Peço-te que a leias, para que um dia possas melhor ajuizar da traducção do mesmo poema que preparo.

Possuo dous numeros igualmente perdidos da *Revista Nacional e Estrangeira*, periodico de grandes vistas, consagrado a grandes interesses, publicado no Rio de Janeiro pelos Srs. Bellegarde, Pereira da Silva e Josino do Nascimento Silva: são o 3.º e 4.º numeros, de Julho e Agosto de 1839. Tendo começado em Maio, não sei se passou dos 4 numeros que constituem o 1.º volume. Um delles traz um longo extracto da *Confederação dos Tamoyos*, poema então inedito do Sr. Magalhães, o qual só o veio a publicar por inteiro 17 annos depois.

(*) Escreviam-se estas linhas em Maio de 1861.

Acompanha um desses numeros um retrato do Imperador pelo Sr. Porto-Alegre. Quanto a mim, que não posso dizer como Corregio — *anchio sono pittore!*—, o grande poeta brasileiro fez bem em abandonar o pincel pela penna. Falta nesse retrato o que que seja que devia constituir o que chamarei, como leigo, a *physionomia*.

O *Espelho*, revista de litteratura, moda, industria e artes, publicada aos domingos, começou a 4 de Setembro de 1859, e acabou ao 18º numero, a 1 de Janeiro de 1860. Era seu principal redactor o Sr. F. Eleuterio de Souza. Collaborava no *Espelho* o Sr. Machado de Assis, que nelle fez uma das mais brilhantes estréas em artigos de bastante animação, de mui vivaz collorido, cheios de muito sal e fina critica. O 18º numero dessa *Revista* traz do *Jacques Rollu*, de *Alfredo de Musset*, do pequeno numero dos meus poetas favoritos, um *fragmento* vertido pelo Sr. Ernesto Cibrão. A versão por ser feita em heroico quebrado, não está por causa disso na altura do vigoroso *alexandrino* do original.

Fallara-te da *Revista Luso-Brasileira*, redigida pelo Sr. A. M. de Castilho Barreto, se não tivesse ella ficado no 1º numero, publicado a 15 de Janeiro de 1860. Devia ser um repositório mensal de litteratura, industria, *geographia*, poesia, musica, etc. Quanta promessa lisongeira ficou por ahí sem realisação!

Lembrára-te também o *Jornal da Sociedade Philomatica*, ao menos para fallar no nome querido de José Joaquim Candido de Macedo Junior, o poeta de 15 annos, fallecido na flôr da idade, e aos primeiros albores do talento, a 5 de Março de 1860, sem ao menos deixar-nos, como Casimiro de Abreu, as primeiras flores da corôa de poesia que o destino lhe pozera na fronte pallida de inspiração.

O *Jornal da Philomatica* desapareceu no 2.º ou 3.º numero, em Maio de 1859.

O *Omnibus Litterario* lá se foi também reunir aos seus irmãos de leite, ao primeiro dia de vida, em Julho de 1860. A ideia dessa *folha de instrucção e recreio* era devida, se me não engano, ao finado bacharel A. M. da Silva Ferraz, talentoso mancebo que foi chamado também ao tumulo quasi ao mesmo tempo que Casimiro de Abreu, Gonçalves Braga, Macedo Junior e Aureliano Lessa. Eu quizera, como um consolo extremo, collocar diante de cada um destes puros e adorados nomes duas datas separadas por um abysmo insondavel, a do nascimento e a da morte de cada um delles. A fatalidade que persegue as nossas publicações litterarias persegue também a mór parte dos que nascem entre nós, ou entre nós crescem com um raio de inspiração n'alma!..

Quando a civilisação invade todas as camadas da sociedade e percorre o mundo no seu carro triumphal; quando ella illumina com a luz vivissima do seu facho immorredouro as verdes margens da verdadeira Atlantida; quando a mocidade sente que o sangue lhe ferve nas arterias e lhe accende mil fogos na imaginação que desperta; como explicar, no meio de tanta pompa da natureza, de tanta força nos membros e tanto bom desejo e formosas aspirações na ideia, como explicar, de modo que satisfaça o espirito indagador dos que nos observam, esse arrefecer constante, esses desaparecimentos de cada dia no nosso jornalismo litterario? Porque é que só se sustentam no terreno da publicidade as folhas commerciaes e politicas? E' desanimadora essa observação. Atterra o espirito dos que, como nós, amam sinceramente o seu paiz e acreditam que não é só com o mercantilismo, ideia predominante do seculo, nem com discussões abstractas de parcialidades politicas, que se prepara o futuro de uma nação. Quem nos fallaria hoje da Grecia antiga, de Roma pagã, se não fôra o immortal legado dos seus homens de letras transmittido pelas cem bocas do maravilhoso e civilisador invento de Guttemberg?

Não cuidar seriamente na educação e iustrucção da mocidade, que tem de carregar sobre os seus hombros o passado ao futuro, é um crime de lesa-nação e lesa-progresso; torna-se, porém, ainda maior o crime, quando não desce a protecção dos que podem sobre a pobre mocidade que procura, com seus proprios minguados recursos, abrir um caminho

para si no meio da frieza prosaica, material e interesseira do tempo que corre, além de se não tratar de uma questão de tanta monta, de cuja solução depende todo o porvir de um paiz. Egoistas! se só preparaes o terreno para o carro soturno da ambição pessoal, ajudai ao menos com aquillo que não vos faria falta, aos que só isso vos pedem e sem isso não podem vencer a correnteza esterilísadora da sociedade que os cerca e os mata com o seu medonho silencio! A posteridade um dia vos tomará contas apertadas da vossa sordida avareza, se tiver podido perdoar-vos a assassina indiferença.

Não emprehendaes, não vos alisteis na fileira pouco numerosa desses novos cavalleiros de uma bem santa cruzada; mas animai ao menos as *imaginações exaltadas* que se votam a esse sacrificio. Pois nada poderá abrir brecha no vosso egoismo! Quando olhais para dentro de vós mesmos, não reconheceis que tudo ahi, na vossa individualidade, não é só materia? Não tendes alma?

Mas, meu prezadissimo amigo, esta carta já vai muito longa, e eu tenho medo de cahir no terreno das declamações e do pessimismo. E uma viagem feita assim, por entre montões de ruinas de tantas esperanças em flor, de tanta promessa — enganadora, apesar da sinceridade dos que as faziam — traz necessariamente o desanimo ao espirito do narrador e acaba por entristecer e fatigar os que tiverem a benevolencia e o animo de o ouvir e ler....

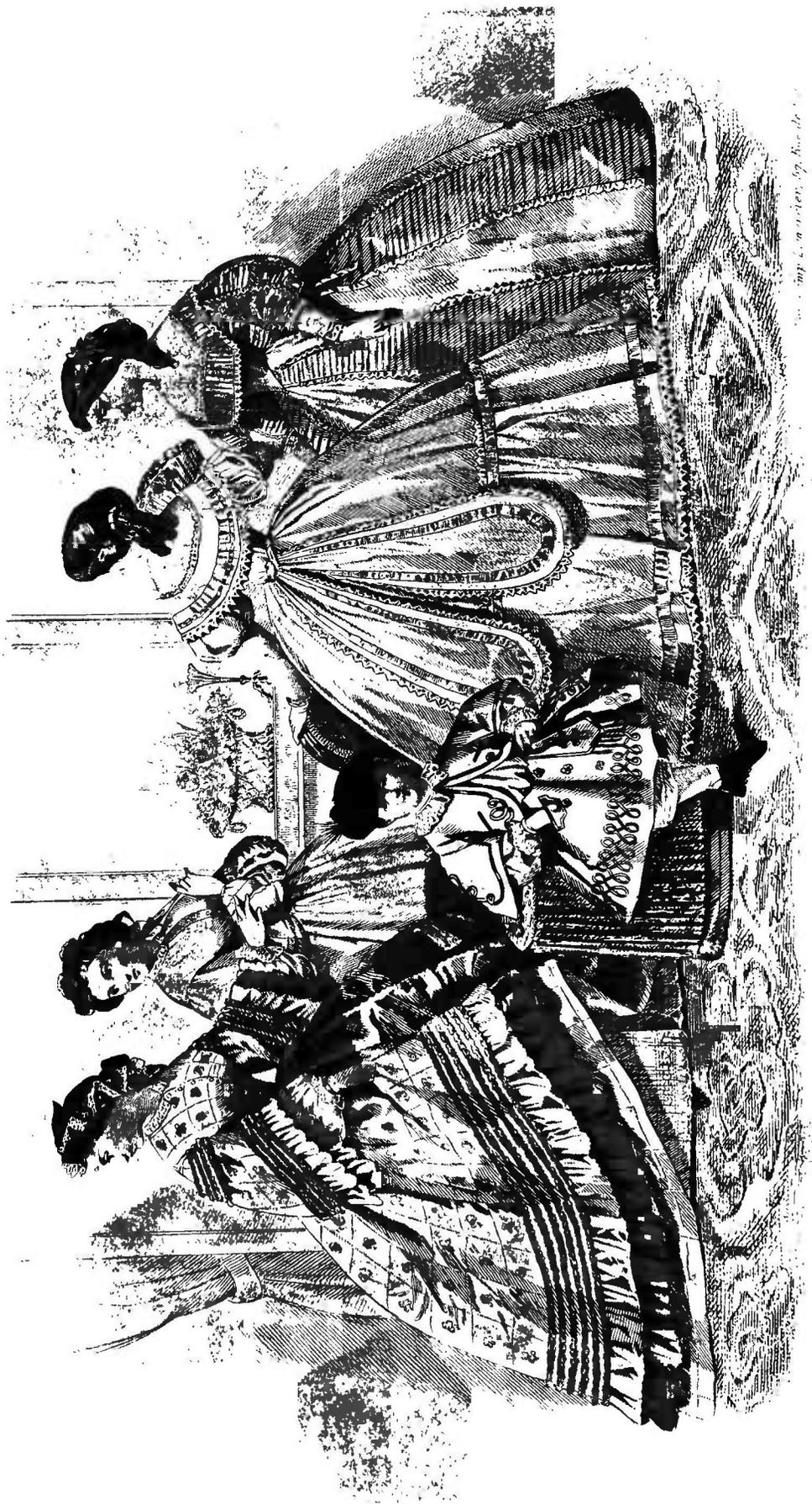
Não a tomes por mais do que eu quíz que ella fosse: apontamentos destacados e fugitivos de um trabalho que está por fazer e que eu lembro a pennas mais amestradas.

Se o *Futuro* não se desprezar de a publicar, em breve passarei em revista o mais que ficou entre os meus papeis velhos, por analysar. Adeos!

Campos, Agosto de 1862.

T. DE MELLO.





U FUTURO.

QUE DESTINO!

Ha quarenta annos, entrou no recolhimento de S. Christovão, em Lisboa, uma senhora de trinta annos, com uma menina de sete. Recolheu-se ao aposento, que lhe designou a regente, e dois mezes ali esteve sem ser vista de alguma das suas companheiras. Como fosse de uso receberem as recolhidas a visita das senhoras já moradoras na casa, D. Maria Maxima, que assim se chamava, pediu á regente que a dispensasse das ceremonias usuaes, que ella se constituia na obrigação de visitar as suas companheiras, quando podesse.

E assim enclaustrada, no seu pequeno quarto, apenas recebia a servente, que, todas as manhãs, lhe levava os insignificantes alimentos de cada dia, e silenciosamente os pousava sobre a mesa, onde encontrava o dinheiro, com que devia mercar as provisões do dia seguinte.

D. Maria tinha uma criada muda, que executava o leve serviço da casa com authomatica regularidade, penteava e vestia a menina, e sentava-se n'uma esteira a fazer meia.

A menina, chamada Ernestina, sahia algumas vezes acompanhada com um laçao, e voltava sempre ao pôr do sol.

D. Maria era formosa, ainda muito formosa, com quanto alguma grande e insanavel dôr lhe houvesse emaciado as faces, e apagado nas lagrimas o brilho dos olhos negros, mas ainda bellos como lampadas de ouro e esmalte, depois de extinta a sua flamma. Os cabellos pretos, sempre desatados, cahiam-lhe até á cintura, contornando-lhe as espaduas em lustrosas ondulações. Era de elevada estatura, com elegancia extrema. Nenhuma belleza podia pleitear preferencias com as outras, a não ser a forma de mãos e pés, que pareciam existir nella assim perfeitos, para convidar os olhos a descansarem-se da contemplação do rosto, sem que a admiração diminuise.

A pequenina era uma linda creatura, loira e alvissima, fina como a haste de um lyrio, e triste como os anjos lacrimosos das sepulturas.

II

D. Maria Maxima era casada com um rico negociante de Lisboa.

Um dia, foi assalteada de um ruim pensamento, e cedeu á violencia do assalto. Antes de se perder no conceito do mundo, pensou reflexivamente no que vinha a ser o conceito do mundo. Lembrou-se de muitas amigas suas, desconceituadas, infamadas, mas felizes em sua ignominia, sempre bellas, sempre queridas, sempre requestadas daquelles mesmos que as andavam apregoando, nas praças e nas salas, e ao mesmo tempo lastimavam a cegueira dos maridos. Viu-as nos bailes, recamadas de pedraria, radiosas de alegria e impudor, invejadas das virtuosas, de quem os censores fugiam para cortejarem o escandalo, e pedirem á infamia um quinhão das suas delicias.

Viu-as nos templos, guiadas pelos mordomos das festas aos melhores lugares, em quanto a virtude mal entrajada era repellida para o escuro das naves. Viu-as nos passeios, rodeadas da mocidade amorosa, e dos anciãos respeitados, que as indigitavam ás filhas como peçonha dos bons costumes, e deshonor do genero humano.

Maria Maxima vira tudo isto e entendera que a infamia não soffria alguns descontos nas homenagens do mundo, e nada tinha que perder com o desprezo mofador de individuos, que se não encontravam na sala, no passeio, e no banquete.

Ao tempo que ella assim argumentava contra a sua consciencia, havia ali um homem de seductoras qualidades, que tinha em si todos os dous fascinantes com que o inferno enfeitava o Fausto. A perseguição fôra longa. Ainda solteira, Maria vira este homem, e não o vira sem a commoção do medo, que é, nas almas innocentes, um preludio de amor. Casada, mas casada sem amor, sem estima, sem o contentamento de ser rica, já era outra a commoção com que o via : não medo, não amor ; mas pasmo da pertinacia ; admiração e vaidade de si propria ; gratidão, talvez, ao homem que já sem esperanças, lhe espiava os passos, as palavras, e os mais distraidos relances de olhos.

E assim seis annos nesta lucta... Lucta!? sim, já era lucta do dever com o coração ; já o coração se encontrava com os olhos lacrimosos que a seguiam ; já a pállidez e os cabellos brancos da estatuaria cabeça do mancebo a enleavam em devaneios, de que o marido a despertava com uma das espontaneas rudezas, que vem de per si com o sexto anno matrimonial.

Foi então que ella pensou no crime e na impunidade das suas amigas, e no ar festivo e indifferente dos maridos das suas amigas. Pensou, e succumbiu.

III

Ao terceiro mez da quêda, Maria Maxima, transigindo com a vergonha occulta que, ainda a revezes, a alvoroçava, começou a sentir-se bem com o crime, e entendeu que o mundo chamava crime a um acto, que só implicava repugnancia por não estar sancionado pelo costume. Nas salas, ainda assim, fugia das suas amigas, por saber que os bem morigerados a indicavam como modelo de esposas. Este preito dado á virtude pela hypocrisia é o mais sublime elogio da primeira.

O marido de Maria, sem saber que remedava Collatino, fez um dia o elogio de sua mulher na presença de alguns, que trocaram um sorriso venenoso. Algum disse ao ouvido do visinho :

— Não ha aqui nenhum Tarquinio que se queira expatriar por tal Lucrecia. « Se aqui estivesse F... », disse o outro, havia de rir até pelas orelhas ! » e citou o nome do homem, que a essa hora transpunha o muro do quintal de Maria Maxima.

O marido tinha a esperteza da brutalidade desconfiada ; a esperteza, feita nas velhacarias mercantis, que tem boa applicação a todos os negocios da vida, quando a bondade e a lisura não são a ordinaria virtude do homem commercial.

Aquelle sorriso foi dentada de vibora no coração do marido, que se jactanciava soberbamente da fidelidade da esposa.

Sahiu da sala onde estava, duas horas antes do seu costume. Entrou de surpresa em casa, esperando que o criado abrisse a porta para sair. Impôz silencio ao servo que ia tanger a campainha. Subiu de manso as escadas, atravessou corredores escuros, e ajustou a orelha á porta do seu quarto.

Deteve-se nesta situação alguns segundos, e desceu ao seu escriptorio. Tateou diversas gavetas até encontrar um punhal, que para ali estava esquecido desde a mocidade do dono. Subiu outra vez, e encostou-se á porta. Esperou uma hora, nas agonias que hão de ter nome, quando o inferno nos mandar a historia dos seus tormentos.

Ao cabo de uma hora abriu-se a porta. Era Maria Maxima. Não viu o marido, que se arredára encoberto pela meia portada, com o punhal erguido para cravar o vulto que devia passar.

Maria disse em voz tranquilla :

— São horas de ir buscar o senhor. O criado que leve o lampião, por que penso que não ha luar.

O marido entrou de golpe, e a esposa expediu um grito.

— Que é isto?! exclamava Maria, em quanto elle corria os recantos da ante-camara, buscava e rebuscava debaixo do leito, assooprando vaporadas de rancôr pelas ventas arquejantes.

Nem o mais leve vestigio do crime! As janellas do quarto fechadas hermeticamente. Provas das que o ciume descobre na mais leve desordem, nenhuma. Ali era um respirar innocencia tudo aquillo! A atmosphera do quarto da mulher de Collatino não podia ser mais pura, um quarto de hora antes da aggressão do infame hospede!

E, todavia, o marido tinha escutado, e os seus ouvidos não podiam enganar-o.

— Quem fallava aqui ha pouco? exclamou elle.

— Era eu, respondeu socegradamente Maria.

— Com quem?

— Com minha filha.

— Mas eu ouvi a voz de um homem.

— Cala-te, monstro! disse ella, collando com arrogante sobrançeria o dedo no nariz. Instantes depois, o « monstro » ajoelhava aos pés do « anjo » e dizia :

— Perdôa ao meu pobre coração, perdôa que eu não sou só monstro, sou infame, e só o teu perdão me pode rehabilitar aos meus proprios olhos!

Dias depois, passava o negociante á porta de um seu visinho, e foi chamado ao mais secreto da loja.

— Tenha cuidado com a sua honra, disse elle.

— Com a minha honra commercial?!

— Não: com a sua honra de homem casado.

E contou-lhe que, de oito em oito dias, quando elle ia jogar a casa do seu compadre marquez, era certa a entrada de um homem, que subia do quintal ao segundo andar, e descia, uma hora depois. O bom visinho e amigo, instado pelo afflicto marido, offereceu-lhe a sua casa para espreitar.

Espreitou cinco semanas successivas. A' sexta, viu um vulto subindo á janella do segundo andar, que era a do seu quarto. Recordou-se, e comprehendeu os vestigios da innocencia de sua mulher naquella noite.

Quizera contêl-o o visinho ; mas não pôde, que era risco atravessar-se diante do punhal.

Saltou vertiginosamente ao quintal, e lançou-se á escada, a tempo que o outro a ia marinhandando na altura do primeiro andar. O que subia saltou ao lado do marido. Conheceu-o, e quiz fugir ; mas o salto fôra grande, e as pernas fraquejaram. Tinha já duas mortaes punhaladas no pescoço, quando desfechou uma pistola ao peito do aggressor. Cahiram ambos : um para nunca mais se erguer : era o amante ; o outro para ser transportado a casa do visinho : era o marido, que devia quinze dias depois erguer-se convallescente, extrahida a bala d'entre a clavicula e a primeira costella. A Providencia andou perfeitamente nesta resolução.

Na madrugada do dia seguinte, fôra D. Maria Maxima com sua filha supplicar a um amigo a sua entrada no Recolhimento de S. Christovão, e não voltou mais a casa, nem mesmo soube a que horas o cadaver do amante foi levantado do seu quintal. Esta é a historia que levou aquella senhora com sua filha Ernestina ao recolhimento.

IV.

Tornemos agora a observar-lhe o viver, se a leitora se não envergonha de andar espreitando creatura tão abominavel. Eu de mim tenho o meu pudor, que vae violentado pela curiosidade ; mas, emfim, este duro officio de romancista força a gente a refazer-se de animo para encarar com semelhantes mulheres ! Isto é peor que ser anathomista, e rasgar com o escalpello carnes pôdres, que vaporam miasmas mortaes.

Decorridos seis mezes, D. Maria Maxima sahio, pela primeira vez, do seu quarto para ir á missa da capella da casa, e na noite desse dia foi visitar a regente, onde se lhe occasionou conhecer vinte e tantas senhoras muito folgazans e divertidas, que contaram anedoctas comicas de amor, ás quaes a regente respondia com sinceras gargalhadas.

Maria deteve-se algumas horas ; voltou mais aliviada ao seu quarto ; e, pensando maduramente, resolveu viver, visto que não era heroismo nenhum deixar-se finar no vigor da existencia, com probabilidade de ser ainda feliz.

Já disse que Ernestina sahia algumas vezes. Era o pae que a mandava chamar, e chorava rios de lagrimas quando a comprimia freneticamente ao seio. Era a imagem delle a menina, que o negociante era um homem gentil, filho de inglez, com a alvura britannica, temperada pelas feições peninsulares herdadas de sua mãe.

O negociante chorava por que o mundo, o decoro e os seus amigos lhe não consentiam que elle perdoasse á mulher que perdidamente amava.

V.

Passado um anno, morreu de paixão e vergonha o infeliz, e não testou. A viuva sahio do Recolhimento, e senhoreou-se de grande riqueza. Desfez-se do commercio, e viveu na opulencia, e na dissipação. Teve amantes, e sacrificou aos caprichos delles uma grande parte dos seus haveres. A filha fez-se mulher; e mulher para ver o exemplo, foi-o tambem para ser desgraçada. Fugiu com um aventureiro, que pediu á mãe um grande dote para salvar-lhe a filha da ignominia. A mãe antes quiz dar á justiça o que lhe pediam para a reabilitação de Ernestina. O seductor foi perseguido, preso, e degradado.

Pouco tempo se gozou das delicias da vingança Maria Maxima. Morreu com quarenta annos de idade, e a tempo morreu de não conhecer a miseria.

Todos os seus bens, por morte della, valeriam cincoenta mil cruzados.

No numero seguinte fallarei de Ernestina, e acabarei o romance, se tal nome ajusta á mais veridica das historias.

C. CASTELLO BRANCO.



FLORES E FRUCTOS.

BRUNO SEABRA.

1 vol.—RIO DE JANEIRO, 1862.

Nesta calamitosa quadra de prosaismo porque vão passando as letras, o livro do Sr. Bruno Seabra é um sorriso consolador da deusa da poesia. Será passageiro? Dará o autor em renegado como esses apostatas que tem feito da litteratura escabello para treparem ás galerias do circo da politica? Não é de crer. Da seiva que deu estas flôres e estes fructos muito ha que esperar ainda. Não ha de o estigma da apostasia marcar esta frente talhada para as corôas olympicas. Animo, poeta! que importa a tristeza dos tempos? As ruinas do Parthenon com serem ruinas não deixaram ainda de ser a consagração da suprema belleza artistica. Partidas embora, as estatuas adormidas no chão da Attica, são comtudo as divinas inspirações dos Phidias e dos Praxiteles.

Na messe das *Flores e Fructos* muito ha que respigar. São producções de uma bella primavera, que por ser primavera faz tambem brotar cardos e joio no sólo das rosas e do trigo. Já um poeta disse:

« O sol, o claro sol tambem tem manchas. » O que lucra, pois, a critica na affirmação dos defeitos de uma obra? Mais admiração seria não tel os; e mais digno é curvar a cabeça diante da belleza do que cuspir na feieza. O verdadeiro methodo de ensino na educação da faculdade esthetica é o positivo, consiste na demonstração das perfeições, e não na enumeração dos defeitos. Exclue-se deste modo o direito da advertencia? O conselho é uma das mais proficuas attribuições da critica, a censura é um dever de consciencia. Mas entendamo-nos: Censurar bagatelas é extrair de uma mina fecunda em ouro pedaços de cascalho para emphaticamente provar a these: Perfeito só Deos! E' a critica mesquinha, definivel nestas duas palavras de Horacio: *nugæ canaræ*.

Isto posto, deixemos de lado as *questões de versos fracos* e examinemos a obra do poeta.

O Sr. Bruno Seabra tem uma grande qualidade, rarissima nos principiantes : estylo seu. Sabe-se a fonte : é a natureza, é o povo, cuja maneira de exprimir-se o poeta observou, estudou e guardou para seu uso. E' a fonte onde foram beber os tres maiores vultos desta idade poetica, que fez da Revolução a sua hegyra : Goethe, Beranger e Garret. Lêde os *Lieder*, as *Canções* e as *Folhas Cahidas*. Lêde *Gœtz de Berlichingen* e *Fr. Luiz de Souza*. E' o estylo popular fluente, melodioso, desgarrado, claro, claro sobretudo, deixando ver a idéa atravez da neblina das palavras. Clareza, propriedade e melodia, taes são os attributos mais salientes das *Flores* e *Fructos*.

A versificação parece-me excellente. Os versos cahem no ouvido e gravam-se na alma. São uteis sobretudo, servem para alguma coisa, para exprimir o pensamento. Dome estimavel na razão directa da raridade, por todo este romantismo vaporoso da moda, que tem calcado a poesia no estreito molde do palavriado sonoro. Demos aos versos o pezo que elles merecem ; mas não nos esqueça jámais que a poesia está na idéa, e não no som que a representa.

A fórmula, que, na doutrina hegeliana, é a poesia da idéa, se o mais das vezes é clara e frisante, outras é vaga e indecisa, e algumas incorrecta, impropria e de mau gosto. A imagem de *páramos da saudade*, que termina a peça a *Elles*, desperta um sentimento, alguma coisa confusa e fluctuante de que a intelligencia quer apossar-se ; porém debalde, porque a palavra não exprime uma idéa.

Esta phrase :

« Réo de amores, nas cadéas
De teus olhos me prendi. »

afigura-se extrahida de uma copla da *Fenix renascida*. Parece-me estar ouvindo Botelho de Oliveira, a *Musica do Parnaso* na mão. recitando radiante de contentamento :

Foi no mar de um cuidado
Meu coração pescado ;
Anzóes os olhos bellos,
São linhas teus cabellos ;
Com solta gentileza
Cupido pescador isca a belleza. »

E Gongora a gritar para os discipulos como o Imperador romano no palco : *Nunc plaudite !* e todos batendo palmas na celebração da sublime pintura do contemporaneo do Padre Vieira.

São pequeninas manchas, são ; mas estas insignificancias devem ter algum peso quando o poeta mostra-se tão afeiçoado a ellas que neste gosto escreve inteira uma longa poesia, a *Lagôa dos Amores*. Apadrinhe embora o author com bons poetas allemães a sua allegoria; não lhe posso dar razão. Tivesse, que não tem, esta peça todos os requisitos da allegoria (a similhaça bastava), falta-lhe para mim o essencial, o encanto da idéa brilhando atravez dos termos da comparação. Os termos principaes são poeticos; os accessorios, porém, materialisam tanto certas idéas absolutas e sentimentos tão intimos, tão espirituaes, se a palavra nos ajuda, que falha todo o effeito da peça. « A *barca da Mocidade*, regida pelo *piloto-Esperança*, navegando na *lagoa dos Amores*, foi encalhar na *costa do Porvir*, náufrago nas *praias das Desillusões de Amor* : » tudo isto tenho para mim por muito semsabor; são ingenuidades de que a critica não pode deixar de sorrir.

Mas estes senões são largamente comprados pelas bellezas sem numero que avultam nas *Flores e Fructos*.

O livro é dividido em tres partes: *Aninhas*, *Lucrecias* e *Dispersas*. O que são aquellas Aninhas diz-nos o poeta n'uma espirituosa nota: mas estas Lucrecias não têm nada de romanas; e a religião da pudicia, se teve na mulher de Collatino uma crente sincera, deve de lamentar profundamente o espirito forte da *filha do mestre Anselmo*.

Fallou-se contra o livro do Sr. Bruno Seabra, que era immoral. Esta accusação de immoralidade é muito séria para ser assim atirada ás faces de um escriptor, de mais a mais poeta. E digamos já: é banal, e resulta de uma confusão entre a poesia e a moral. O Sr. Bruno Seabra não quiz fazer das *Flores e Fructos* um sermão de quaesma. São bellas as flôres? a critica não deve nem pode exigir mais.

A poesia degrada-se todas as vezes que intenta desbotar o lustre das flores d'alma das virgens, destas almas privilegiadas, que, no dizer de Fr. Francisco de S. Luiz, se conservam no meio do mundo como os meninos hebreus na fornalha de Babylonia. Castidade, pudicia, virgindade, pureza! não é tudo isto a summa theologica da poesia? não vale este enlêvo mil vezes a brutalidade dos sentidos? Como os poetas dizem do estro, podem as virgens dizer do pudor: — *Est Deus in nobis*. Vós tendes razão: apostolos da belleza, respeitemos o seu perfume. A mulher é seni-escrava na sociedade. Não conspurquemos esse véo de virgindade, não embacemos o lustre dessa corça que a faz soberana na terra.

Mas por isso exigiremos do poeta que se torne em prégador? que

suba ao pulpito? que recite textos latinos ao povo embasbacado? A poesia é a vida em sua flor; deve de ser, e é, desinquieta e bo-liçosa como ella. Não quereis assim? Fazei um auto de fé, e atirai-lhe na fogueira as poesias de Goethe, as *Canções* de Béranger, todos os livros de Byron, e Musset, e Ruckert, e George Sand, e Balzac, e de tudo o que pensa e tem pensado do seculo desoito para cá.

As *Lucrecias* do Sr. Bruno Seabra são umas brasileiras garridas, coquettes, bem fallantes, graciosas em summa. Exceptuemos *Theresa*, mulher sem pejo, que sahe dos braços de um dos amantes para entrar no quarto nupcial. Exceptuemos ainda essa *Ingenua que engordece*, typo grosseiro, sem a faceirice ao menos daquelles outros *blue-devils*; mas bem castigada pelos mãos versos em que o poeta a metteu.

A *Elles* é uma poesia cheia de movimento e graça, conquistando applausos no viço da mocidade. O poeta convida os segadores a aproveitarem os bellos tempos da messe na sasão dos annos. E' uma peça opulenta de vida, poesia humana, se o epitheto diz o que penso. Pois os românticos vaporosos tem explorado uma especie de poesia extra-humana, pairando nas nuvens, e por isso intraduzivel para nós outros, pobres mortaes que rastejamos cá por baixo. E aquella é uma das boas qualidades deste livro, que o fazem agradado e querido por quantos gostam de sentir o homem nas obras do homem. E' o segredo dos cantos intitulados *Na Aldã, Aminha, Tristeza, Valsando, Rosa Branca*, e tantos outros primores que aformosêam o livro do Sr. Bruno Seabra.

As *Lucrecias* são no genero do *lied* de Ruckert. O amor é o seu fundo, a sua seiva, *idée foncière*, na expressão de Pelletan, cousa que existe onde quer que se exhale o sopro do vento, onde freme o murmurio das vagas, e onde nem os ventos nem as vagas se fazem ouvir, como diz algures o autor dos *Jugendlieder*. São umas raparigas travessas estas romanas de hoje, fazem andar á roda a cabeça dos rapazes; mas, em fundo, umas innocentinhas de quem não ha-de vir mal ao mundo.

Em summa. O livro do Sr. Bruno Seabra ainda não é paga de vida, é obrigação contrahida. Grave responsabilidade pesa já sobre quem offerece n'uma obra de tanto merecimento as primicias do seu talento poetico. Fazem meia-prova estas *Flores e Fructos*; ao autor cumpre fazel-a plena com cousa mais acabada. Precisamos muito de um Messias que venha regenerar esta litteratura de palavras consoantes.

Araruama, 1.º de Novembro de 1862.

MACEDO SOARES.

A UM TRADUCTOR DE VERSOS.

Traductor. Deixa o mau sestro
De ser, como o papagaio,
Nas reproducções tão destro ;
Pois mostras em cada ensaio
Que se não traduz um estro.

Mas o papagaio é grave,
E' prudente, fica mudo
Se encontra prisão na trave ;
— Tu, que intentas dizer tudo,
Menos do que elle és suave.

Na lingua mostrando a raça,
Quando, mais duro que a rocha
Gritas que o rei vae á caça,
Se o povo diz: « Tó carocha, »
Amuas, perdes a graça.

Sujeito á musa emprestada
Que, se diz « cœur » Lamartine,
« Coração » apenas brada,
Se elle um breve pied define,
Dás na traducção patada.

Engoles versos amenos
Que vomitas, como louco,
Uns grandes, outros pequenos ;
— Que de francez sabes pouco,
De portuguez pouco menos.

Com tão grande empresa a braços,
Cuidas que te não desdoura
Fazer prosa em largos traços,
Abrir depois a tesoura,
Cortar a prosa em pedaços.

Levas mais longe a ousadia
Quando, juntando os dispersos,
Nessa tua algaravia,
Chamas aos pedaços versos,
E á traducção poesia.

Disse-te o mestre na eschola
Que te via já pejada
Da lingua patria a cachola ;
Mas deste ao francez entrada,
Houve adulterio na bola.

E o mundo até se espantara
Se essa intelligencia pécça
Na criação se esmerara,
Visto que és só ama sêcca
De filhos que outrem gerara.

Desde a infancia mal guiado,
Gastarás a vida inteira
Do teu trilho desviado,
E porque erraste a carreira
Paga-se caro o calçado.

Montado em dous idiomas,
Julgas conquista segura
De grande e sabio os diplomas,
E de molestia sem cura
Só nisso vejo os symptomas.

Mas se uma estrella funesta
Te aponta por essa via
Uma subsistencia honesta,
Por — traductor — te annuncia :
— Basta pôr um — T — na testa.

F. X. DE NOVAES.

DESEJOS.

Como as flôres odoras, que sorriram
Da briza reclinadas sobre o seio,
Quizera adormecer no seu regaço,
Dos meus castos amôres no enleio !

Quizera ao despertar ornar-lhe a fronte
Com as flôres mimosas da campina,
Roubar-lhe os beijos, como o insecto á roza,
Que em tapiz de verdura se reclina.

N'ardencia da paixão e no delirio,
Por seguil-a, dos anjos eu fugira !
E, captivo feliz dos seus encantos !
Por seu canto afinara a branda lyra.

E se acaso depois de um beijo ardente
Da morte sobre mim cahisse o manto,
No cruel paroxismo a voz soltara
E disserra-lhe — adeus — n'um meigo canto !

A. DE M. MUNIZ MAIA.

NO SERTÃO.

Bem triste e só, o espirito se embala
No silencio dos bosques! — Uma a uma,
Volvem então as horas decorridas,
De convivencias, de prazeres mutuos,
Gozados no bulicio estrepitosos
De opulenta cidade. Em meio aos montes,
Através das florestas que sussurram,
Ao hafejar da matutina brisa ;
Por entre as aguas limpidas que manam
De escavada eminencia, e que se arrojam,
Sobre os ridentes verdejantes valles,
O espectaculo é outro. A natureza,
Ahi mais pura, ostenta-se mais bella,
De mais raros primores se atavia ;
Assoma ingenua, candida, garbosa,
Como virgem louçãa que se prepara
Para o doce hymeneu. Novos encantos
Em cada flôr de subito renascem ;
E, ao contemplar esse paicil sublimc,
A fantasia se desprende em vôos,
Que não ha reprimir. — Se a noite avança
Na cerração dos frigidios vapores
E suave a impressão que se desfructa.
A escassa luz do astro da saudade,
Rompendo alem dos ingremes outeiros,
Vem desenhar-se tremula no gyro
Do crystallino arroio que murmura,
E mais longe se espelha magestosa
Nos movediços leques das palmeiras,
Nos penachos subtis da baraúna.
Quadro pomposo é esse! — Olhos e alma
Vão-se de todo no mirar extaticos
Essas lindas paysagens que despertam
Na paz da solidão. — Bem haja o homem,
Que em horas taes em seu casal se abriga,
E á porta do seu lar, com a esposa e filhos,
Logra as delicias do viver campestre!
Nada o distrae. N'esse geral reinanso
Da natureza, a mente se lhe embebe
N'um pereme prazer, n'um mago inlevo.
Se a alvorada gentil, pintando as nuvens,
Leda se estampa no horisonte immenso,
Em que a vista se perde, e além fluctúa
Na azul planicie matizada de oiro,
Quantos mimos resurgem! Quam formoso
E' esse ameno quadro que reflecte
A quietação dos campos, ainda livres
Do bafo impuro de paixões odientas,
Que são veneno a corações sinceros!
Livre é tambem o ar, livre é o canto,
Que em taes retiros fervido resôa,
E que, exprimindo affectos innocentes
D'almas piedosas, vai unir-se ao hymno
Da creação que os passaros alternam.
Tambem é minha patria amplo viveiro

Caruarú, 5 de Julho de 1861.

De ineffaveis deleites, que mal pode
Comprender philosopho arrogante
No esteril sonho de aridos systemas.
Esses deleites rusticos excedem
Ao tumulto das praças populosas,
Onde é muito o folgar, mas onde é raro
O socego, a ventura, Embalde o vicio
Tenta violar o sanctuario augusto,
Que se esconde nos cerros desabridos,
Nos recessos dos montes escarpados,
Sob a folhagem d'arvores annosas,
Pouso hospedeiro ao viajante oppresso
No longo caminhar. — Lá, sobre um cómorro,
A pobre egreja, dos fieis a estancia,
Campeando sosinha, e a custo erguendo
A esguia grimpa que reveste o musgo,
E que de longe amostra ao peregrino
Uma cruz denegrida, como a offrenda
Unica e simples de um amor celeste,
Mais exprime que os vastos monumentos,
Em que se inlaça a pedraria e a purpura
E o vicio corruptor vai aninhar-se.
Venha aqui o poeta, o homem que sente,
E no silencio desta paz profunda
Observe e medite.—Acaso encontra
Mais louçania além, mais amplos cofres
De estudada franqueza que se esvاعم
Das turbas ao contacto mais ligeiro,
Afeiçoadas ao sentir abjecto
De hypocrita lisonja; e tudo expira
N'esse vario apparatus mentiroso,
Em que se afunda a consciencia e a honra.
Tudo aqui é maior, falla mais alto,
N'uma linguagem de cordura extrema,
Que se avanta em tudo á vã linguagem
Do mundo social, sempre illusoria.
Oh! Poderse eu reproduzir n'um quadro
Tanta belleza que seduz, que inspira,
E, seguindo de Kleist o estylo nobre,
Ir descrever em traços indeleveis
O que sinto, o que penso, o que me cumpre
Sô pensar e sentir, n'este momento,
A' vista destas scenas grandiosas,
N'esta amplidão de agrestes maravilhas!
Poderse eu ser do melindroso Gessner
Fiel imitador! que então meus versos,
Resumiriam de impressões perennes
A alegre narração, a doce historia.
Se o não ousou fazer, cabe-me, ao menos,
Uma palavra articular singela,
Como um voto d'amor, em desabafo
A's saudades que o peito me consomem,
E aos echos das montanhas, da espessura,
No altar da solidão, vir conlial'as.

A. R. DE TORRES BANDEIRA.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro.

Contos do Serão é o titulo de um pequeno volume....

Cuida o leitor ao ver-me começar por este modo, que tenho uma chronica farta e volumosa de noticias, e que para ganhar tempo é que entro logo em materia? Antes assim fosse. Eu comecei assim, não só para usar de todas as deferencias para com um talento modesto, mas ainda para fugir a este lugar-commum que me ia sahindo dos bicos da penna :

Supponha o leitor, queria eu dizer, que está em uma assembléa legislativa. Discute-se.... o orçamento da receita e despeza, materia de maxima importancia, como se vê logo pela designação. Ha grande alvoroço ; pedem a palavra, sobem á tribuna os melhores oradores, a logica e a rethorica andam em pleno exercicio ; a palavra humana torna-se nesse momento, para usar da expressão de Montalembert, o typo supremo da belleza, a arma irresistivel da verdade. Sobre que se discute? Sobre o orçamento? Não, senhor ; os oradores cançam-se, elevam-se, lutam, fazem prodigios da lingua, sobre tudo, menos o objecto da discussão. As questões de politica especulativa, as recriminações dos partidos, as invectivas pessoaes, o inventario parcial do passado, as conjecturas arbitrarias do futuro, tudo o que pôde ser alheio ao orçamento entra em pleno serviço, o orçamento, esse ouve fallar em seu nome por duas outras vozes mais moderadas, que entrando no terreno pratico, desdenham o palavriado esteril e procuram utilizar o tempo malbaratado.

A imagem diminuida, mas approximada deste facto annual, queria eu acrescentar, acha-se nesta palestra de hoje com os meus leitores, na qual poderemos tratar de tudo, menos do objecto principal que nos reúne. Vê o leitor que, apesar de usado por boas autoridades, isto é um lugar-commum perfeitamente commum. Tive razão em retrahir a penna. Afinal de contas o leitor não tem culpa que o Rio de Janeiro ande a competir com a chuva em aborrecimento e que mesmo lhe leve a palma. Em mingua de noticias forja-se, ou enche-se papel com qualquer cousa.

Dada esta ligeira explicação, volto aos *Contos do Serão*. E' um livrinho do Sr. Leandro de Castilhos, composto de tres contos, *Uma boa mãe*, *Octavia*, e *Um episodio de viagem*. O titulo do livro, modesto e simplez, corresponde á natureza da materia. Trata-se de ligeiros contos, escriptos sem pretensão, visando menos a gloria litteraria do que as impressões passageiras e agradaveis do lar. Entretanto fôra injustiça ler o volume do Sr. Castilhos fôra do terreno litterario. Dá-lhe o direito de assistir ahí, um talento que, se se não apresenta com maior fulgor, nem por isso é menos real e menos esperançoso.

Porque não ensaia o Sr. L. de Castilhos um romance de um largo folego? Não lhe falta invenção, as qualidades que ainda se não pronunciaram e que são reservadas ao romance hão de por certo tomar vulto e consistencia nas composições posteriores, feitas com meditação e trabalhados conscienciosamente.

O romance, de que temos apenas dous mais assiduos cultores, os Srs. Macedo e Alencar, espera por novos porque tem ainda muitos recantos não investigados e talvez fontes de boa riqueza.

Do romance ao theatro é um passo e eu não tenho grande difficuldade em dal-o.

Duas novidades que devem ser contadas como litterarias apareceram na quinzena, as *Leões pobres*, de Emilio Augier, e a *Herança do Chancellor*, do Sr. Mendes Leal.

Todavia esta segunda por já conhecida de todos não offereceu outra novidade além da representação pelos artistas do Gymnasio. Farei eu a injustiça de crer que os leitores não conheciam a *Herança do Chancellor*?

Ha uma terceira novidade; esta porém, não me cabe avaliar, que a não vi, e a julgar pelo que me assegura pessoa de conceito, está fóra das condições litterarias assignaladas ás duas primeiras. E' a comedia *Os amores de Cleopatra* que entretanto preenche o dever a que os nomes dos auctores estão obrigados: faz rir. Foi tambem representada no Gymnasio.

Pelo que respeita ás *Leóas Pobres*, é essa uma comedia que assusta os espiritos menos ousados e faz recuar á primeira vista. Todavia quem tiver a força de conservar-se alguns momentos diante della e medital-a, verá que nem ha motivo para os terrores, mas que ainda ha muito boas razões para julgal-a uma das composições mais bem acabadas do theatro contemporaneo, todos as reservas de parte, entenda-se.

Não fatigarei a paciencia do leitor relatando o entrecho das *Leóas Pobres*, que o leitor vio, ou leu, ou soube pelos jornaes. Vinha a proposito, é verdade, desenvolver um ponto que na imprensa foi apenas tocado, a do desenlace de peça, mas eu ainda não quero fazer injustiça a ninguem que me lê, repetindo principios de arte comesinhos, expostos por todos os autores, e quasi objecto de compendio hoje.

De duas representações a que assisti, uma pouco me agradou, foi a do theatro lyrico, onde só se podem accomodar os sopranos e tenores de força, e improprio para fazer sobresahir uma composição dramatica. Levada ao Atheneo Dramatico, cujas proporções me parecem perfeitamente accomodadas á scena moderna, a comedia pôde apparecer melhor, e satisfez-me a representação com pouquissimas reservas.

Para voltar ainda á comedia, pois que a pressa com que vai este escripto me obriga a estas marchas retroactivas, direi que, como concepção e execução, as *Leóas Pobres* honram o talento de E. Augier, que não pôde ser accusado nem de falta de vigor dramatico, nem de certo criterio que resulta da observação e da meditação. Ha, como indiquei acima, pontos de reserva, mas eu que não faço critica, e apenas dou relação commendada dos factos da quinzena, poderei entrar na apreciação desses lados que me parecem fracos sem, por um retorno justo, avaliar uma por nma as muitas bellezas da comedia? Bem vêm que me levaria longe, e eu prefiro não sahir das raias marcadas pelas exigencias typographicas.

Houve outra novidade no theatro, que eu de proposito deixei para o fim; é uma comedia que tem por titulo — *O Protocollo* —, e que traz o meu nome. Os escrupulos que me fazem não dizer palavra sobre este pequeno acto, são bem comprehendidos do leitor. Não foi porém pelo simples prazer de fallar da minha peça que eu citei esta novidade. Foi para deixar escripto desde já, que muito a meu contento a representaram os artistas do Atheneu.

E para terminar direi que, ao passo que esta revista escripta dentro de uma casa solidamente construida, é lida pelo leitor no seu gabinete fechado e na sua casa não menos solidamente construida, anda por alto mar o pianista Arthur Napoleão, que daqui se foi a mostrar-se aos nossos visinhos do Prata.

Para não fazer esquecer a fraseologia mythologica e o eunho de certas figuras poeticas, ponho ponto final dizendo que Eolo ha de por certo respeitar aquelle que com harmonias mais brandas, fal-o-hia encerrar-se captivado nas grutas sombrias de sua morada incognita.

MACHADO DE ASSIS.



O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.
Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

Condições da Assignatura.

Para a Côte 15\$000 — Para fóra da Côte e provincias — 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO ÓUVIDOR N. 46. 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes

Os Snrs.
Catilina & C.^a
Cunha Irmãos & C.^a
Luiz Augusto de Oliveira
Joaquim Baptista Moreira.
Silva & Costa
Francisco Luiz Ribeiro.
Joaquim Alves Leite
J. J. de S. Ayram Martins
Felisardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guimarães
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novacs

Bahia.
Pernambuco.
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras.